

Do Livro: APOCALIPSE – UMA INTERPETAÇÃO ESPÍRITA DAS PROFECIAS

Por Robson Pinheiro – Médium. Pelo Espírito Estêvão.

A BESTA E O FALSO PROFETA

CAPITULO 13

[Ap 13; 19]

"Então vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas falava como dragão.

Exercia toda a autoridade da primeira besta na sua presença, e fazia que a Terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

E fez grandes sinais, de maneira que até fogo fazia descer do céu à terra, à vista dos homens.

Por causa dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta, enganava os que habitavam na Terra, e dizia-lhes que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

Foi-lhe concedido também que desse fôlego à imagem da besta, para que ela falasse, e fiz esse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

E fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um sinal na mão direita, ou na testa, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome."

Ap 13:11-17

Conforme demonstramos anteriormente, a besta ou animal inominável é a representação de todo e qualquer princípio filosófico, religioso, político ou econômico cujas bases estão alicerçadas contrariamente aos princípios do Evangelho eterno. Esse animal é a síntese dos poderes que se interpõem entre os valores cósmicos do Evangelho e o progresso do espírito.

Ao longo do tempo, certos filhos da Reforma foram perdendo a simplicidade dos reformadores; aos poucos, copiam a suntuosidade de Roma, como uma imagem de seu poder. As vestes suntuosas e os templos erigidos em "ouro e pedras preciosas" (Ap 17:4) foram substituídos pelos ternos de casimira e pelo poder de indução semi-hipnótico dos dirigentes protestantes. A simplicidade, tão defendida por Lutero e Calvino, Wycliff e Zuínglio, foi substituída pela pompa dos templos modernos. A própria pretensão de serem os donos da verdade só se iguala às pretensões do papado nos séculos transatos.

Hoje, certas vertentes do protestantismo copiam todo o orgulho e a pretensão de Roma. Sua organização e a estrutura de seus cultos são, na verdade, "a imagem da besta" (Ap 13:15), ou seja: a réplica da decadente prostituta romana. A cerimônia do espetáculo, alardeada por tais segmentos religiosos, faz com que toda a população se maravilhe perante os supostos "sinais" e prodígios que dizem realizar: "E fez grandes

sinais, de maneira que até fogo fazia descer do céu à terra, à vista dos homens" (Ap 13:13).

O fogo, no movimento pentecostal, neopentecostal e carismático, é o símbolo do poder miraculoso do chamado "espírito santo", que se alastra entre diversas seitas e religiões de fé protestante ou pseudo-reformistas. Julgam que esse *fogo*, ou poder sobrenatural, é enviado direto dos céus à Terra, enquanto supostos sinais e pretensos milagres são realizados diante dos olhos estupefatos de milhões de jovens e demais pessoas que entram em contato com tais cultos. Todavia, a profecia é clara: é um fogo "à vista dos homens" (Ap 13:13), portanto, é um poder ilusório, e não real; apenas é tido como tal, di-ante dos olhos dos homens.

O ser humano, em todas as épocas da história, tem se fascinado com demonstrações de fenômenos. Qualquer coisa que fuja ao natural é logo classificada como milagre, desde que a ignorância popular rejeita a explicação racional, lógica, do fato ocorrido. No tocante às religiões terrenas, muitos fenômenos igualmente têm ocorrido, guardando sua natureza psíquica ou paranormal — quase todas as religiões foram instituídas sobre esta base: a manifestação mediúnica. Sendo todos os homens sensíveis, em maior ou menor grau, a esse ou aquele indício da presença espiritual, é natural que, desde sempre, tenham obtido comunicações do mundo extra físico. Apesar das explicações racionais que o espiritismo lhes confere, há aqueles que desejam permanecer na ignorância, ou que possuem seus motivos para manter a multidão alheia às verdades espirituais. Tanto agora como em outras épocas, têm procurado envolver os fenômenos medianímicos numa aura de misticismo e de sinais miraculosos, visando a objetivos nem sempre confessáveis.

Contudo, no relato do Apocalipse, fala-nos o autor de um *fogo* que hoje em dia é o símbolo do movimento pentecostal: o fogo do espírito, que, segundo os ensinamentos dessas próprias denominações religiosas, é o poder de fazer milagres, curar e expulsar demônios. Arditamente, esse é um *fogo* à vista dos homens, que "enganava os que habitavam na Terra" (Ap 13:14); é o produto da manipulação das consciências mais simples.

As cerimônias religiosas e os cultos que mantêm sua base doutrinária sob a aura mística de milagres e prodígios estão incorrendo em graves erros, e seus representantes agem em prejuízo de si mesmos. Em mais de uma ocasião, Jesus alerta-nos quanto àqueles que dizem fazer sinais e prodígios e se esquecem do mais importante: a misericórdia, a caridade.

Recordemos dois exemplos:

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres?"

Então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci.

Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade!"

Mt 7:22-23

"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas negligenciais o mais importante da lei, a justiça, a misericórdia e a fé."

Mt 23:23

Lamentavelmente, vemos o poder temporal e o orgulho, a pretensão dos papas dominando os dirigentes dos filhos da Reforma protestante, que esqueceram seu legado, transformando-se, dia a dia, na decrépita imagem de Roma, na imagem da besta "cuja chaga mortal fora curada" (Ap 13:12).

Lentamente o protestantismo vai adquirindo bens materiais, dominando redes de comunicação e elevando-se no panorama político do mundo [cf. Ap 13:16-17], através de seus pastores e seguidores. Apesar de julgarem ser os legítimos seguidores de Jesus, os únicos "salvos", conservam, como características principais, a arrogância, a presunção de serem os exclusivos, e a intolerância religiosa para com aqueles que não rezam segundo seu catecismo, que não creem como eles. Infelizmente, presenciemos na atualidade a escalada de um outro poder político-religioso, a própria imagem de Roma, da Roma dos papas e cardeais: a imagem da besta "que recebera a ferida da espada e vivia" (Ap 13:14).

"E a besta foi presa, e com ela o falso profeta que diante dela fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta, e os que adoraram a sua imagem."
Ap 19:20

Podemos notar, ainda, que esses nossos irmãos têm sido reconhecidos como excelentes pregadores, mas, de modo lastimável, conservam-se infinitamente distantes do exemplo do Cristo. São falsos profetas, pois de nada adianta falar o nome de Jesus, clamar o "poder do fogo do espírito santo" e continuar ignorando a dor e o sofrimento dos irmãos de humanidade. Enquanto muitos pregam e bradam ao calor dos microfones, cantam aleluias e "glorificam" o nome do Senhor, crianças choram, velhos tremem de frio e multidões se encontram sob as marquises da vida, esperando a contribuição e a caridade daqueles que dizem representar o meigo Nazareno.

Tal atributo, o de ignorar a realidade do mundo, prova também a falsidade desses religiosos a vociferar em seus púlpitos. Examinemos apenas algumas das palavras que o apóstolo Tiago redige sobre o tema [Tg 2:14-26], em sua epístola:

"Meus irmãos, que proveito há se alguém disser que tem fé, e não tiver obras? Pode essa fé salvá-lo?

Se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz; aqueantai-vos e fartai-vos, mas não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito há nisso?

Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma."

Tg 2:14-17

*